

COLORINDO AS CIDADES DO RECIFE E SALGUEIRO: UMA AULA DE HISTÓRIA SOBRE CIDADES PERNAMBUCANAS.

KENNYA DE LIMA ALMEIDA

“Severino retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga;
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.”
(João Cabral de Melo Neto)

A cidade tem sido também lugar de solidão e anonimato. Assim, falar sobre a história de Recife e das demais cidades que compõe Pernambuco é também falar de seus problemas, suas contradições. Esse projeto começou com uma aula de campo de “História do Brasil 1”, na Cidade de Recife, para alunos de Licenciatura em História da Cidade de Salgueiro localizada no sertão de Pernambuco. O que desejávamos era preparar a nova geração de professores de história para lidar com os problemas que o avanço das cidades sobre o campo implicaria, mostrando por diversos ângulos o que representa o viver em uma grande cidade.

Pensando em revelar os diversos olhares sobre as cidades, “lugar construído pelos homens para estarem juntos”, propomos um estudo da cidade do Recife tendo como fontes: fotografias, literatura, cinema, música e a documentação oral levantada a partir de entrevistas com estudantes, trabalhadores e sem terras que em busca de novos horizontes vieram e continua a vir para as metrópoles locais. Inspirados pela poesia de João Cabral de Mello Neto e a literatura de Ítalo Calvino e as suas “Cidades invisíveis”, os alunos buscaram compreender que Recife os protagonistas dessa história buscavam (?); visando encontrar indícios da construção de um imaginário sobre a cidade de Recife que a identificava como uma porta aberta ao Mundo.

Assim, foi necessário encontrar a rota seguida, objetivos e expectativas de cada grupo envolvido, do interior até o litoral do Estado, em diferentes momentos da história de Pernambuco, principalmente, entre a década de 30 e 70 do século XX, para

compreendermos o olhar de quem migra para “cidade grande” em busca de estudar ou trabalhar. Além disso, em um momento de visível crescimento econômico de algumas cidades do interior do Estado, a proposta julgava necessária também identificar o que permanecia desse imaginário frente às mudanças que este crescimento poderia implicar (?).

Começamos usando a literatura e as imagens. Neste sentido, usar a arte para falar da história das cidades serve para lembrar que a primeira forma dos homens registrarem sua história foi através do canto, da pintura e da poesia. Pintando as cavernas nossa ação era mágica; na Grécia Clássica o homem, supondo ser inspirado pelas musas, principalmente por Clio, filha da memória (Mnemosine) e Zeus, revelava toda sua astúcia e força a partir do Teatro e da Poesia, recitando e encenando para um público cada vez mais urbano as aventuras do cotidiano na polis. Hoje, precisamos resgatar a crença na nossa liberdade de ação, saber que o conhecimento liberta. Então, conhecer o Mundo que nos cerca é ser livre para ir e vir, conhecer seus segredos, conhecer sua beleza e sua história é se inserir, sair da cegueira ou da invisibilidade que a modernidade nos impõe.

“A melhor forma de nos conhecermos é entrar em contato com o que foi ou é diferente de nós, com o nosso contrário, com o que deixamos de ser, com a falta que tem presença em nós, com o falso que sempre habita as nossas verdades, com os conflitos que nos preparam, com o nada que nos propicia tudo.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007: 92-93).

Salgueiro é uma cidade em visível crescimento urbano. Localizada no cruzamento entre a Bahia, Piauí e Ceará, quem viaja de carro para o Norte do País certamente passara pela cidade. Local de passagem de pessoas vindas de quase todos os lugares do Brasil e atualmente abrigando mais de 10 mil pessoas de outras regiões, entre elas alguns estrangeiros, que vieram para trabalhar nas obras do Governo Federal. Porém, a população local, que é formada por 60 mil habitantes, assiste assustada a mudança que a aceleração do seu cotidiano vem apresentando. Como toda cidade que cresce os problemas com a violência e o meio ambiente tem sido uma de suas preocupações.

Acostumada a ser receptiva, a cidade de Salgueiro começa a sentir-se ameaçada por esta modernização. Razão para incluirmos em nosso programa de aula de campo o conceito de cosmopolitismo e a necessidade de cultivar a tolerância. Quanto a esta necessidade de aprender a reconhecer a cidade como espaço público, onde nos constituímos “como

um eu a dialogar com esse outro do tempo e das gerações futuras” encontramos em Carlos Leite Brandão o conceito que queríamos transmitir aos nossos alunos:

“o homem só se torna homem quando reconhece e vivencia a parte que lhe cabe num drama mais amplo, num ethos, em que, além de representar um papel, ajuda a criar seu texto. E isso pressupõe ‘o outro’ diante do qual o ‘eu’ se apresenta e com qual ele deve dialogar. Espaço da república, da liberdade, da memória e do outro, a cidade constitui o lócus da polis onde nasce a nossa humanidade em seu sentido mais pleno”. (BRANDÃO, 2006: 62)

Na passagem pelo Grande Recife incluímos além da visita a museus e centros históricos como Olinda e o bairro do Recife Antigo, uma visita a uma Mesquita, localizada no Bairro da Boa Vista-Rua da Glória, e a uma sinagoga. Após o encontro com a religião muçulmana os alunos Foram encaminhados a Rua do Bom Jesus para uma visita a primeira Sinagoga das Américas, onde puderam ouvir e debater sobre a história da religião judaica e a presença do povo judeu no Brasil colonial. No mesmo espaço das ruas do “Recife Antigo, os alunos encontram com diversos maracatus, ao som dos tambores percebem também presença marcante da religião e da cultura africana no dia a dia da cidade. Em tempos de despertar de intolerância, como a que vimos emergir entre os eleitores, durante essa ultima eleição presidencial, achamos adequado confrontar conceitos dos alunos sobre uma e outra religião com a visão de mundo de cada uma delas ouvindo pessoas relacionadas a essas culturas religiosas. Como diria Edward Said, é preciso pensar sobre o outro a partir do que ele tem a dizer de si mesmo e refletirmos sobre a importância de conhecer realidades que podem parecer diferentes, mas ao aproximar o foco, deixam de ser estranhas e distantes. O sentido é educar para o respeito à cidadania.



Figura 1: Foto tirada no interior da 1ª Sinagoga das Américas, localizada no bairro do Recife Antigo.

Lembramos aos alunos que o surgimento das cidades é condição da sociabilidade humana. Ela assume diversas funções diante das necessidades da sociedade que a constitui. Assim, Recife, no imaginário do campo pernambucano, é a cidade das possibilidades e do distanciamento dos coronéis ou das lideranças políticas do século

retrasado e início do século 20. Naquele momento, a Cidade de Recife emergia como lugar de liberdades, Lugar onde as oportunidades se mostravam maiores, mesmo que o destino pudesse ser às palafitas das margens dos Rios que a cortam. Aspecto perfeitamente capitado pelo artista plástico Cícero Dias - como se de fato o Mundo começasse ali. Mas ao participar do cotidiano desta cidade os alunos aprendem a reconhecer e compreender o movimento da sua cidade de origem. Sair dos limites amadurece o profissional e o homem, porque aprendemos a desenhar uma história de cosmopolitismo em contraponto ao provincianismo das origens coronelista do nosso país.¹ Aprende-se também que uma grande cidade rica e moderna pode não ser cosmopolita no sentido de criar cidadãos do mundo: livres e abertos ao novo ou ao diferente.

O resultado dessa experiência veio registrado pelas câmeras fotográficas dos alunos que participaram das três viagens que promovemos. De um olhar estrangeiro sobre as cidades do Recife e Olinda aos poucos o enquadramento das fotos procuravam ressaltar os movimentos das ruas estreitas das duas cidades, a arquitetura dos prédios históricos e também dos altos prédios dos bairros nobres da cidade como se fosse uma só cidade. Entre os elementos culturais ressaltaram, principalmente, as cores dos instrumentos de percussão do maracatu.



Chegada ao centro histórico de Olinda. Do meu lado o professor mestre em lingüística Wellington Lira, convidado para nos acompanhar durante as visitas realizadas pelas turmas do 4º período.

Outro interesse dos alunos, além das fotografias tiradas por eles, teve como foco os documentos sobre as antigas estruturas da Cidade de Salgueiro-PE encontrados no Arquivo Público Jordão Emerenciano, um dos nossos pontos de parada obrigatório. Este

¹ Digo “do nosso país”, porque esta formação coronelista não é pré-requisito apenas do Sertão do nordeste do país.

interesse, a princípio, por documentos iconográficos e plantas de edifícios antigos, como a antiga Cadeia da Cidade, hoje abrigando o Museu do Couro, revela mais um aspecto dessa viagem em busca da identidade local através do conhecimento do mundo que os cerca. O que queriam conhecer era a utopia que deu origem a cidade de Salgueiro. Alunos, antes interessados nas capitais, desenvolviam o gosto por descobrir em que parte da engrenagem do mundo se encaixava a sua cidade. É com este olhar que descobrem ser parte e que existe em toda parte um pouco do que são. Dentro desse aspecto, podem perceber que existem problemas de exclusão e pobreza não só no sertão, mas em todo o mundo, e que não devem debater em sala de aula questões pertinentes a esse processo como se ele fosse endêmico a determinadas regiões do globo. Da mesma forma, aprendem a ver a estética de cada lugar não como algo a ser depreciado ou exaltado, mas a ser entendido como parte da individualidade da história que representa a formação daquela cidade.



Figura 2: Visita ao Arquivo Público Jordão Emerenciano. Ano de 2007.

A visita ao Arquivo teve por finalidade por os alunos em contato com o trabalho do historiador, tendo em vista a realidade enfrentada pelas faculdades do interior do Estado com inúmeros obstáculos à formação de núcleos de pesquisa por falta de incentivos aos mesmos. Serviu também para despertar o interesse e a criatividade para desenvolver trabalhos monográficos voltados a valorização da história local.

A condição dada à cidade de Recife recorda as cidades do ocidente durante o século XI estudadas por Henri Pirenne: “Na busca de resistir ao regime feudal os homens fazem da cidade o espaço da liberdade”. (PIRENNE, 1973). Ellen Wood, sobre “A origem do Capitalismo”, reforçará esta idéia ao afirmar que o capital não é uma invenção da cidade moderna, “ao contrário, a cidade durante certo tempo, entre os séculos XI e XVIII,

resistiu e bloqueou sua ação”. Elas ressurgem como território das corporações e comunas sob o signo da liberdade. (WOOD, 2001).²

Semelhante sentido parece ter adquirido a cidade de Recife ainda durante o século XIX, quando para lá se dirigiam os filhos dos senhores de engenho, escravos fugidos e despossuídos de maneira geral, para estudar, se tornar invisível aos olhos do Estado ou trabalhar. Recife, durante o decorrer do século XX, vai exercendo, dessa forma, a função de iniciar os jovens na vida adulta. E, ainda hoje, estudar no Recife, morar na cidade para trabalhar por um tempo é um esforço que quase todas as pessoas incluem na pauta da educação de seus filhos, mesmo que as escolas do interior do Estado tenham, em alguns casos, melhores estruturas físicas e desempenhos que as escolas da capital.

Passamos a compreender que esta ida a capital desempenhava diferentes papéis na sociedade de Salgueiro: para o trabalhador rural a sensação de possuir maiores condições de escolha e esperança de sair da invisibilidade, pois dividiam os poucos espaços físicos da cidade com os filhos do dono da terra e do comércio da sua cidade de origem. Os senhores, por sua vez, alimentavam a expectativa de mais poder e status.

Os alunos trouxeram o resultado destas aulas de campo na forma de uma exposição fotográfica com o título “Eu vi o Mundo ele começava em Salgueiro...” vista por toda a comunidade acadêmica e por parte da comunidade local. Interessados em dar continuidade ao trabalho de pesquisa em História das Cidades hoje desenvolvem trabalhos sobre a cidade de Salgueiro e demais cidades próximas, onde podemos observar uma preocupação não mais com a história dos Grandes nomes e dos grandes feitos, mas das grandes Histórias que fazem todos os homens. Estes são alguns títulos de trabalhos, desenvolvidos com a orientação de professores do Curso de História, onde podemos avaliar a mudança de foco pelos títulos dos trabalhos desenvolvidos:

Missão de frei Martins de Nantes na ilha do Pambu.

Vaqueiros encourados da caatinga.

Vaqueiro: herói anônimo, sertão campo de batalha.

Os antigos cabarés e bordéis de Salgueiro.

Preconceito de cor em Umãs: a saga de dois irmãos.

A conquista do espaço feminino em Salgueiro.

² Apud, PAULA, João Antônio de. As cidades in As Cidades da Cidade.

O papel da mulher na história política de Salgueiro.

O padre “Benze Cacetes”: uma guerra religiosa.

A Seca de 1915 no Ceará sob a ótica de Raquel de Queiroz.

O cinema de Salgueiro-PE: o cotidiano lúdico da cidade na década de 30.



Figura 3: Alunos do 4º período em História responsáveis pela exposição fotográfica. Ano de 2007.

Os títulos anunciam o início de uma tradição de estudos interessados em compreender o universo em que estão inseridos, quando antes olhavam ora para as origens da cidade a partir dos feitos heróicos de um grupo ou de um nome ora olhavam para horizontes que vislumbravam mais brilhantes que os seus.

Há dois anos começamos a realizar um encontro anual preocupado em discutir questões pertinentes a história do Sertão de Pernambuco, no nosso ultimo encontro, que ocorreu em novembro de 2010, os alunos do 8º período apresentaram seus trabalhos de pesquisa divididos nos seguintes simpósios temáticos:

“Coronelismo, vaqueiros e engenhos”

“História Política e econômica local”

“Mulheres, famílias e preconceitos”

“Movimento social, educação e cultura”



Figura 4: Abertura do I Encontro sobre História do Sertão Pernambucano, em 2009. Reunidos a mesa autoridades políticas e representantes da comunidade acadêmica e da Comunidade de Umãs (remanescente de quilombo).

Segundo o capítulo 4 da Lei 9.394 da LDB a educação superior tem por finalidade: articular o processo de ensino, pesquisa e extensão, de forma a levar o/a aluno/a desenvolver uma atitude que lhe permita entender que a formação e o desenvolvimento profissional devem ser um processo permanente. Orientar trabalhos de conclusão de curso de Graduação, incentivando os estudantes a produzirem trabalhos que tenham relevância para a realidade local corresponde, enfim, a tais requisitos. (Lei nº 9,394, 20 de Dezembro de 1996 – LDB).



Figura 5: Cartaz do 1º evento elaborado por um aluno do 6º Período (Randyson Fernando)

Ouvir, ver, provar, se envolver para uma melhor compreensão do outro e de nós mesmo foi o objetivo principal deste trabalho com os estudantes do curso de História da FACHUSC. Tornar nossos alunos aptos a criar situações que sensibilize os seus futuros alunos a dialogar com o outro, com este outro que pode estar em nosso passado ou do nosso lado.

Evitando, quem sabe, que Recife e Salgueiro, como Zora, uma das cidades dentro da cidade imaginada por Ítalo Calvino, defina ao permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização e seja esquecida pelo mundo, este estudo não se dá por concluído, pois nos propomos a aproximar o foco, explorando os lugares recônditos que envolvem símbolos e sonhos criados por homens comuns, que contribuíram para formação destas cidades. Junto aos estudantes que fizeram parte desta pesquisa “percorre as ruas como se fossem páginas escritas e questionar “como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro” de nomes e imagens “com as quais ela se define”? (CALVINO, 1990: 18-20).

Referências:

- As cidades da Cidade/Carlos Antônio Leite Brandão (organizador). Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 3. Ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. História e Fotografia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BRAUDEL. Fernand. Civilização material e capitalismo. Lisboa: Cosmo, 1970. Cap. VIII, t.1.
- CALVINO, Ítalo, 1923-1985. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2009.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOBBSBAWM, Eric. Os trabalhadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Cap. V, VI, VII.
- IANNI, Otavio. Capitalismo, violência e terrorismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- MAIA, Nayala de Souza Ferreira. Açúcar e transição para o trabalho livre em Pernambuco: 1874-1904. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2009.
- PIRENNE, Henri. As cidades da Idade Média. 3. Ed. Lisboa: Europa-América, 1973.
- PIRENNE, Henri. História econômica e social da Idade Média. 4. Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1968. Cap. II.
- RUDÉ, George. A Multidão na História. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- SEVCENKO, Nicolau. A Corrida para o século XX: no loop da montanha-russa. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- SILVA JÚNIOR, Waldemar Alves da. O coronelismo em Salgueiro: uma análise da trajetória política do coronel Veremundo Soares: (1920-1945). Recife: Bagaço, 2008.
- WILLIAMS, Raymond. O Campo e a Cidade. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. Cap. 1, 23, 25.
- WOOD, Ellen Meiksins. A origem do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Parte II.
- ZAIDAN FILHO, Michel. O fim do nordeste e outros mitos. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.